



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

MARCOS AURÉLIO TEIXEIRA RODRIGUES

BUMBA-MEU-BOI DE ZABUMBA DE MESTRE LEONARDO: memória e tradição

São Luís

2020

MARCOS AURÉLIO TEIXEIRA RODRIGUES

BUMBA-MEU-BOI DE ZABUMBA DE MESTRE LEONARDO: memória e tradição

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Maranhão, como
requisito para obtenção de nota.

Orientador Prof. Dr. Christoph Küstner

São Luís

2020

Rodrigues, Marcos Aurélio Teixeira.

Bumba-meu-boi de zabumba de mestre Leonardo: memória e tradição / Marcos Aurélio Teixeira Rodrigues. – São Luís, 2020.

55 f.

TCC (Graduação) – Curso de Música, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof. Dr. Christoph Küstner.

1.Bumba-meu-boi. 2.Zabumba. 3.Cultura popular. I.Título.

CDU: 398.8

MARCOS AURÉLIO TEIXEIRA RODRIGUES

BUMBA-MEU-BOI DE ZABUMBA DE MESTRE LEONARDO: memória e tradição

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
do Maranhão, como requisito para
obtenção de nota.

Aprovada em: São Luís 26/11/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Christoph Küstner (Orientador)
Doutor em Música
Universidade Estadual do Maranhão

1º Examinador

Prof. Willinson Carvalho

2º Examinador

Prof. Heitor Marques Marngoni

3º Examinador

Dedico este trabalho aos meus familiares e amigos pelo estímulo e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, colaboraram para a consolidação deste trabalho, pois comprova o valor que esses amigos, familiares e companheiros de lutas representam para minha vida, ao meu senhor bom Deus, porque sem Ele jamais chegaria a essa conquista, aos meus familiares, em especial minha Mãe Raimunda Damiana, minha esposa Joyseelene Oliveira, meu filho Heytor Rodrigues, minha amiga Gabriela Alves por orientações, ao grupo de bumba-meu-boi da Liberdade que foi inspiração para este trabalho, aos brincantes do Boi da Liberdade, por me receberem de braços e corações abertos. Minha gratidão em especial a Claudia Regina ama do boi, a todos os companheiros de turma que proporcionaram momentos inesquecíveis de respeito, de tristeza, de compartilhamento e de amor fraternal, a todos os professores que, com palavras de ensinamentos e grandes exemplos, influenciaram minha vida profissional, à família da UEMA, de maneira especial, a Coordenação do Curso de Música, pela afeição e cooperação para que este momento fosse concretizado, ao professor Christoph küstner pelo incentivo e segura orientação.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como foco analisar o Bumba-meu-boi de Zabumba de Mestre Leonardo, sob o ponto de vista da sua memória a preservação da tradição popular maranhense. Esclarecer a origem do Bumba-Boi de Zabumba como elemento da cultura afro-brasileira, demonstrar o significado do Boi de Mestre Leonardo sotaque Zabumba para seus integrantes nesse percurso foi abordado a história do Bumba-meu-boi¹ da Liberdade, no sotaque de Zabumba considerado por diferentes pesquisadores, entre eles Michol Carvalho (1995), o sotaque mais antigo. Buscou-se compreender a história do Bumba-meu-boi do Maranhão festa tradicional da cultura popular maranhense, a história e o surgimento do Boi da liberdade, o ciclo do boi da Liberdade que começa pelo ensaio, o treino, o ritual do batismo e a cerimônia da morte do boi que marca o fim das festividades do ano. Analisa-se também a classificação do Bumba-meu-boi do Maranhão segundo Azevedo Neto (1983). Argumentos sobre o surgimento do boi no século XVIII, e como teria começado na sua forma inicial e o processo de exclusão que o bumba-meu-boi sotaque de zabumba vem suportando ao longo do tempo serão analisados neste trabalho. Dão-se, ainda, a Tradição e a Modernidade como importâncias de autenticidade e espontaneidade de um povo. O presente trabalho de conclusão de curso se caracteriza como uma pesquisa de campo participante, o estudo foi idealizado por meio de pesquisa bibliográfica. Para o levantamento de dados junto aos organizadores usou-se registro de áudio, fotos observações, anotações e entrevista semiestruturada.

Palavras-chave: Bumba-meu-boi. Zabumba. Cultura Popular.

¹ Optou-se por manter o hífen, enfatizando a expressão substantiva.

ABSTRACT

The present Work of Conclusion of Course focused on analyzing the Bumba-meu-boi de Zabumba of Master Leonardo, from the point of view of his memory the preservation of the popular tradition of Maranhão. To clarify the origin of the Bumba-boi de Zabumba as an element of Afro-Brazilian culture, to demonstrate the meaning of Master Leonardo's Bumba-meu-boi accent for its members in this course, the history of the Bumba-meu-boi da Liberdade was approached, in the accent of Zabumba considered by different researchers, among them Michol Carvalho (1995), the oldest accent. It was sought to understand the history of the Bumba-meu-boi of Maranhão, the traditional festival of popular culture of Maranhão, the history and emergence of the Boi da Liberdade, the cycle of the Boi da Liberdade that begins with the rehearsal, training, the ritual of baptism and the ceremony of the death of the boi that marks the end of the festivities of the year. It is also analyzed the classification of the Bumba-meu-boi of Maranhão according to Azevedo Neto (1983). Arguments about the emergence of the ox in the 18th century, and how it began in its initial form and the process of exclusion that the bumba-meu-boi accent has supported over time will be analyzed in this work. Tradition and Modernity are also given as the importance of authenticity and spontaneity of a people. The present work of course conclusion is characterized as a participant field research, the study was idealized through bibliographical research. For the survey of data with the organizers audio recordings, photos observations, notes and semi-structured interview were used.

Keywords: Bumba-meu-boi, Zabumba, popular culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1	Espaço Sagrado. Altar no barracão com diferentes santos	16
Foto 2	Mestre Leonardo.....	19
Foto 3	Regina Ama do Boi da Liberdade.....	22
Foto 4	Representação das Coureiras do Tambor de Crioula “Poderoso Padroeiro”.....	25
Foto 5	Apresentação do Boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019....	31
Foto 6	Apresentação do Boi da liberdade na festança do Ceprama 2019.....	33
Foto 7	Morte do Boi da liberdade 2019.....	33
Quadro 1	Padrão Rítmico.....	34
Foto 8	Apresentação do Boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019....	35
Foto 9	Apresentação do Boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019....	36
Foto 10	Apresentação do boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019....	36
Foto 11	Morte do Boi da Liberdade 2019.....	37
Foto 12	Mourão, Morte do Boi da Liberdade 2019.....	40
Foto 13	Ladainha, Morte do Boi da Liberdade 2019.....	40
Quadro 2	Dados do Boi da Liberdade.....	43
Foto 14	Confeccionados no ponto de cultura.....	45
Foto 15	Confeccionados no ponto de cultura.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 BUMBA – MEU – BOI DO MARANHÃO.....	11
1.1 Grupo, Subgrupo e Sotaque.....	14
1.2 Ritual do Batismo.....	16
2 BUMBA MEU BOI DA LIBERDADE.....	19
2.1 Ensaios e Treino.....	25
2.2 Tradição e Modernidade no Bumba-meu-boi.....	27
2.3 Instrumentos do Boi de Zabumba.....	31
2.4 Personagens.....	35
2.5 Ritual de Morte do Boi da Liberdade.....	27
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	42
3.1 Levantamentos de dados em campo.....	42
3.2 Entrevistas.....	43
3.3 Análise dos Dados	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE.....	51
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO

O Bumba-meu-boi é uma das manifestações culturais de maior importância no Estado do Maranhão, realizada no período junino entre os meses de maio junho e julho. O seu ciclo começa nos ensaios, batizado da brincadeira, apresentações nos arraiais e se encerra com a morte do boi, brincadeira esta que, segundo Carvalho (1995), tem ligação com a religiosidade. A motivação para a realização deste trabalho “Bumba-meu-boi de Mestre Leonardo: Memória e Tradição,” partiu da concepção de ser um dos grupos mais tradicionais e de possuir destaque dentre os grupos deste “sotaque”.

O interesse por este tema decorreu pelo fato da ligação afetiva e convivência com a “brincadeira” desde a infância já que, morando no bairro da Liberdade, onde o boi de Leonardo teve início e por influência dos meus pais que me levavam para prestigiar os ensaios do boi, passei a ter maior aproximação com esta linguagem musical e cênica.

A escolha ocorreu também por ser um Apreciador da Cultura Popular Maranhense, pois desde quando aprendi tocar o trompete, passei a fazer parte de alguns grupos de bumba-meu-boi no sotaque de Orquestra, na condição de músico. Essa experiência serviu para que eu tivesse maior aproximação com essa manifestação cultural do Maranhão.

Passados alguns anos comecei a pesquisar os instrumentos que compõem o sotaque de Zabumba, e, nessa caminhada, foram obtidos conhecimentos da forma com que é confeccionado e tocado cada um, entre eles a Zabumba, pandeirinhos, maracás e tambor de fogo.

A partir desses pressupostos, esta pesquisa buscou analisar o Bumba-meu-boi de Zabumba de Mestre Leonardo, sob o ponto de vista da sua memória a preservação da tradição popular maranhense. Para isso, pretende-se:

- a) Esclarecer a origem do Bumba-Boi de Zabumba como elemento da cultura afro-brasileira,
- b) Demonstrar o significado do Boi de Mestre Leonardo sotaque Zabumba para seus integrantes.

Dessa forma, o trabalho foi executado em quatro etapas que podem intercruzar-se no espaço e no tempo. A primeira buscou a pesquisa bibliográfica: Leitura de obras de referências, Fichamento de dados e Redação de texto sobre

cultura popular. A segunda etapa pesquisa exploratória, que permitiu ao pesquisador definir o seu problema de pesquisa e formular sua hipótese com mais precisão. No questionário constaram cinco questões qualitativas. Na terceira análise e interpretação dos dados: questionários, entrevistas. E, finalmente a quarta, com a Redação do relatório.

Conseqüentemente, o presente estudo se estrutura em três capítulos.

No primeiro capítulo, aborda-se o Bumba-meu-boi no Maranhão como umas das festas tradicionais da cultura popular deste Estado. Nesse capítulo destacam-se as causas da perseguição que o bumba-meu-boi sofreu no Maranhão até a sua aceitação e reconhecimento como “Patrimônio Cultural do Brasil”, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no dia 30 de agosto de 2011.

No segundo capítulo trata-se da história do Boi da Liberdade no sotaque de Zabumba, destacando-se a sua trajetória no cenário cultural maranhense e a presença marcante do seu fundador, sr. Leonardo Martins dos Santos. Destaca-se, também, o compromisso de Claudia Regina, no comando da brincadeira, e o surgimento do Boi de Leonardo. No terceiro capítulo apresenta-se a metodologia da pesquisa, o levantamento de dados em campo, com observações diretas e aplicações de entrevistas feitas com organizadores e brincantes do Boi da Liberdade.

1 BUMBA – MEU – BOI DO MARANHÃO

O Bumba-Meu-Boi é uma festa tradicional da Cultura Popular do Maranhão. Segundo Mário de Andrade (1982), a brincadeira de Bumba-meu-boi teria aparecido no Maranhão em meados do séc. XIX, século onde surgem os primeiros relatos de jornais e ocorrências policiais da brincadeira.

refere que O Bumba-meu-boi maranhense é, tradicionalmente, realizado na intenção de São João, com base na crença de que agrada a esse Santo organizar um boi ou participar de um que já se acha organizado (CARVALHO, 1995, p. 40).

De acordo com a autora os brincantes se dedicam a esta homenagem através de cantos, danças e promessas feitas a São João.

Segundo Brandão (2016) as festividades do Bumba-meu-boi ocorrem em diversos Estados do Brasil no período junino, com aparições públicas em meados do século XIX. No Maranhão é realizada entre os meses de maio junho e julho com suas características próprias, cada brincadeira com seu estilo de se apresentar.

O Bumba-meu-boi é um espaço de prática religiosa em que a relação com o sagrado começa bem antes da festa [...] Trata-se, por excelência, de uma celebração conjugada à diversidade das religiões, bem como os sentidos e valores das práticas sociais exercidas pelos participantes do Bumba [...] Para além do seu sentido primeiro - a comemoração - os santos e as entidades espirituais instituem um alargamento das fronteiras definidas entre eles, estabelecendo-se de tal modo uma ligação constante entre um e outro. Ou seja, a festa, que é feita em homenagem a São João, permite que outros santos ou entidades sejam igualmente homenageados, numa relação devocional íntima e de troca de graças e oferenda.²

Segundo Carvalho (1995) refere que essa tradição é feita em homenagem a São João, santo protetor, realizando o espetáculo principalmente no período junino com suas características diferenciadas de outros Estados, e percebível a importância do bumba-meu-boi na cultura popular do Estado.

Padilha (2014) comenta que, em 2011, o Ministério da Cultura Brasileira, por meio do IPHAN, registrou o Bumba-meu-boi na lista representativa do Patrimônio Imaterial do Brasil”. Continua o autor dizendo que os Títulos são uma forma de segurança de assistência ao folguedo que, antes marginalizado, passa agora a bem nacional. É, além disso, uma garantia de conceito, atribuindo-lhe um

² (Complexo cultural do bumba-meu-boi do Maranhão, 2011, p. 79).

valor simbólico protegido que lhe permite não só instituir um elemento característico da malha significativa que representa o Brasil.

Cabe ressaltar-se, que em 2019, o Bumba-meu-boi do Maranhão recebeu o título de Patrimônio cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

O complexo cultural do Bumba-meu-boi é o mais novo bem brasileiro consagrado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. A excepcionalidade dessa celebração múltipla, que abarca as diferentes matrizes culturais formadoras das identidades que compõe o Brasil, foi reconhecida pelo Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda da Unesco, reunido em Bogotá, na Colômbia nesta quarta-feira, 11 de dezembro e mostrou para o mundo sua grande capacidade de criatividade humana. (IPHAM, 2019).

Carvalho (1995, p. 40) afirma que “a tradição revela a existência do ‘boi de promessa’ que alguém bota para cumprir uma obrigação’, como uma forma de agradecer ao Santo uma graça alcançada”. Segundo Lima (1982), tem como característica, no seu enredo, o dono da fazenda cujo boi foi roubado por um empregado da fazenda conhecido como Francisco (Chico) para atender a um pedido da sua esposa, Catirina, que, grávida, desejou comer a língua do boi. Pai Francisco atendeu ao pedido da esposa e matou o boi. O Patrão descobriu e mandou seus vaqueiros atrás dele. O dono da fazenda chama os feiticeiros e curandeiros para curá-lo, e assim que conseguem, comemoram com uma grande festa e o patrão resolve perdoá-los Pai Francisco e Catirina. De acordo com Passos (2003, p. 70), “originário do ciclo do gado, sendo representado por escravos e agregados das fazendas e engenhos, o Auto do Bumba-meu-boi, tendo nascido no litoral nordestino, irradiou-se depois para o interior do país [...]”.

Carvalho (1995, p. 47) afirma que “os bois maranhenses acham se divididos em ‘sotaques’, que representam os estilos, as formas, as expressões predominantes nos grupos de bumbas, enfim a sua maneira de ser [...]” Lima (1982, p. 3) nos diz que o “Boi do Maranhão tem três formas, três estilos, três expressões, que os entendidos chamam de sotaque”.

No Maranhão, a louvação, o folguedo do Boi possuem três principais designações: Bumba-meu-boi, Bumba-boi e Boi. É uma das manifestações folclóricas de maior representatividade popular com uma imensa folha histórica, onde passou de brincadeira de escravo, perseguida radicalmente pela polícia, expulgada pela sociedade como um todo, com raríssimas exceções, para se tornar o mais importante folguedo do gigantesco menu de manifestações populares do estado do maranhão, com repercussão locais, estaduais e internacionais (REIS, 2008, p. 9).

Percebe-se que cada autor tem sua percepção do Bumba-boi do Maranhão. Dessa forma, nas brincadeiras utilizam-se diferentes instrumentos musicais, e cada sotaque com as suas características próprias. Ou seja: é o padrão rítmico que constitui os elementos do cenário sonoro. Observa-se no Boi de Zabumba a presença de instrumentos como pandeirinhos, maracá e zabumba.

No sotaque de Orquestra percebemos banjo, trompete, trombone, saxofone, zabumba, tambor onça e maracá. Nos Bois de Matraca e da Baixada utilizam-se pandeirões, matraca, tambor onça.

No Bumba-meu-boi do Maranhão não é só o sotaque que caracteriza uns dos outros, mas também as indumentárias, as toadas, e os baiados, o que fazem a população apreciar todos os estilos. Azevedo Neto (1983, p. 39) nos diz que:

De fato, hoje no Maranhão, nas festas juninas o Boi toma conta de toda ilha de São Luís e de quase todo o Estado, chegando-se a estimar em 1983, a existência de mais de 60 grupos de Boi, que fazem essa manifestação popular resistir ao tempo com vitalidade. É um símbolo de identidade cultural para os maranhenses.

Segundo Carvalho (1995), em meados do século XIX a brincadeira de bumba-meu-boi não era bem vista pela população maranhense. Enquanto manifestação cultural foi violentamente discriminada, rejeitada e perseguida. Até mesmo a imprensa maranhense não compactuava, classificando assim como um Folgado imoral e brincadeira de negros que causariam desordem às civilizações. Segue a autora afirmando que

O Bumba-meu-boi foi reprimido pelos órgãos estatais chegando-se ao ponto de tal proibição de apresentação no período de 1861 a 1867 e mais, as pessoas de elite, que moravam no centro da cidade, não aceitavam o barulho e as perturbações, segundo elas, a “brincadeira” fazia. Assim é que até as décadas de 30 e 40, o Bumba-meu-boi não vinha ao centro da cidade, ficando apenas restrito aos bairros (CARVALHO, 1995, p.46).

Carvalho (1995, p. 40) ressalta que “[...] era o costume dos bois realizarem uma visita obrigatória, na noite de 23 de junho à igreja de São João, no centro da cidade de São, para lhe fazer uma saudação[...]”.

Araújo (1986, p. 57) nos diz como os donos dos Bois eram tratados pela força policial:

Não sei porque o boi resistia a tanta coisa! [...] os donos não tinham nem como abrir a boca, tinham era que correr e se esconder porque a imprensa, o rádio, todo mundo era contra [...] E a gente não sabe mesmo como é que

o boi aguentou firme aí contra as épocas que a polícia e outras autoridades prendiam as pessoas... e taca comia e metia o negro na cadeia; era aquela confusão horrível [...] e não faz muito tempo, até uns 20, 15 anos atrás acontecia.

Padilha (2014, p.145,165) comenta em sua tese de Doutorado que:

Além do receio de insurreições, três outros fatores estão vinculados à proibição da brincadeira do BMB. O primeiro seria o incômodo que o BMB gerava aos vizinhos por conta do tempo de duração dos ensaios [...] O segundo seria as ocorrências de conflitos, inclusive com mortes. E o terceiro foi o uso do temido busca-pés, uma espécie de foguete artesanal, feito de bambu cheio de pólvora, que rodopia no chão e explode no final, e que quase sempre provocava acidentes [...].

1.1 Grupo, Subgrupo e Sotaque

De acordo com Azevedo Neto (1983), o Bumba-meu-boi do Maranhão é distribuído da seguinte forma:

Bumba-meu-boi do Maranhão		
Grupo Africano	Grupo Indígena	Grupo Branco
Sub grupos de zabumba ou da zona de Guimarães (bois de Guimarães)	Subgrupos da zona de Itapecuru	Subgrupo de Orquestra (bois de Orquestra)
Sotaque de Leonardo Sotaque de Canuto Sotaque de Antero Sotaque de Laurentino Sotaque de Newton Sotaque de Lauro	Sotaque de Coroatá Sotaque de Caxias Sotaque de Codó Sotaque de Itapecuru	Sotaque de Rosário Sotaque de Axixá

Fonte: Azevedo Neto (1983)

Na classificação acima, o Bumba-meu-boi de Mestre Leonardo aparece no grupo africano, subgrupo de Zabumba e sotaque de Leonardo. Azevedo Neto (1983, p. 40) ressalta que

Liberdade – (boi de Leonardo) Um dos principais bois de Guimarães radicados em São Luís. Boi de Zabumba. Leonardo, seu proprietário, é quem mais conserva as características do subgrupo, embora tenha abolido o camisão e adotado o rodaque. É um conjunto volumoso, organizado, uniforme e luxuoso. Suas representações distanciam-se muito do enredo primitivo e variam de ano para ano. O próprio Leonardo e seu cabeceira o qual goza a fama dos que melhor comandam uma matraca).

É ainda Azevedo Neto (1983, p. 24) que afirma, “O Grupo Africano é, indiscutivelmente, o mais amplo. Seus subgrupos espalham-se por todo o Estado. Nos outros grupos, os Subgrupos aconteceram próximos uns dos outros [...]”. Viana (2013, p. 47) nos diz que “Os grupos se caracterizam pela presença marcante, predominante de um dos elementos que compõe essa manifestação, ou seja, índios, brancos, negros [...]”.

O fato é que, enquanto o índio brasileiro era empurrado no sentido de determinadas regiões para um confinamento forçado ou espontâneo; enquanto o branco permanecia próximo às áreas mais povoadas, o negro – mandado ou fugido – espalhava-se por todo o Estado, disseminando seus cantos, suas danças, seu jeito de divertir-se. (AZEVEDO NETO, 1983, p. 24).

Segundo Azevedo Neto (1983), há um entendimento entre a população, que no Maranhão, há cinco sotaques de bumba-meu-boi.

É uma precipitação partindo da ideia de que as características do ritmo, do guarda-roupa e dos instrumentos utilizados é que determinam, quando absolutamente iguais, o agrupamento se boi no mesmo sotaque, então se há de concluir que cada conjunto é um sotaque é o estilo individual de cada conjunto (AZEVEDO NETO, 1983, p. 16).

Ele afirma que “os boi de Lauro e Leonardo se dizem de um mesmo sotaque. Nunca! São, na verdade de um mesmo subgrupo (Guimarães) mas são de sotaque distinto” Azevedo Neto (1983, p. 17). Segue o autor dizendo que há uma diferença de forma significativa no guarda-roupa e no ritmo. Apesar de serem da mesma região sofreram, nas suas origens, influências tanto primárias (grupo) quando secundárias (subgrupo).

O termo sotaque, que popularmente designa as diferenças existentes entre cinco estilos de brincar Boi, restringe as demais variações encontradas no folguedo, sobretudo aquelas localizadas no interior do Estado, onde os grupos de Bumba-meu-boi possuem caracteres que destoam, em vários aspectos, daqueles da Capital. Dependendo da região, alguns podem se assemelhar com outros, porém, haverá sempre algo de particular que deve ser compreendido nesses vários planos expressivos da brincadeira³.

De acordo com Carvalho (1995, p. 47), “Os boi maranhenses acham-se divididos em ‘sotaques’, que representam os estilos, as formas, as expressões predominantes nos grupos de bumbas, enfim, a sua maneira de ser [...]”.

³ (Complexo cultural do bumba-meu-boi do Maranhão, 2011, p. 103).

1.2 Ritual do Batismo

Carvalho (1995) comenta que, de acordo com a tradição, o ritual do batismo do boi acontece sempre no dia 23 de junho, véspera do aniversário de São João. Ele afirma que “As coisas começam a rolar no barracão/sede do boi, ao cair da noite, e há aspectos similares com o que acontece nos ensaios [...]”. Segundo Marques (1999, p. 140), “o que o batismo propõe ao Bumba-meu-boi é uma afirmação de identidade específica: o amadurecimento de um ser que nasceu pagão, sob auspício de São João para ser mostrado ao mundo como cristão [...]”.

Na verdade, o batizado marca tradicionalmente a passagem da ‘brincadeira’ do âmbito mais privado para o público, tanto que os mais velhos usam a expressão descobrir a pinta, para se referir à primeira apresentação feita. No geral o conjunto dança no seu “rebanho” ou “sitio natural”, nas circunvizinhanças deste, na porta de uma igreja, em locais bem conhecidos ou em casa de amigos (CARVALHO, 1995, p.114).

Viana (2013, p. 72) ressalta que “[...] o Bumba-meu-boi da liberdade se reestrutura da seguinte forma: as apresentações que antecedem a data tradicional do batismo e dos festejos são dançadas, tendo o boi do ano anterior como protagonista [...]”.

Foto 1 - Espaço Sagrado. Altar no barracão com diferentes santos



Fonte: Arquivo pessoal

Rios (2005, p. 68) pontua que “O batismo apresenta-se como uma etapa do calendário ritual de grande importância [...] momento onde os brincantes revivem sensações construídas em um passado sem começo determinado”.

No barracão do Boi de Leonardo, prepara-se o ritual de batismo do boi, quando o bordado do couro do ano é apresentado aos integrantes e à comunidade. Eles vão aproximando-se com suas indumentárias cuidadosamente enroladas num tecido; outros vêm com parte da indumentária no corpo e parte dentro de bolsas. Vão se arrumando ali mesmo no salão ou qualquer parte da casa.

Viana (2013, p. 85) comenta que “na frente do altar encontra-se o boi que dançou durante todo o ano passado e nas apresentações desse ano que antecederam o batismo [...]”. Dessa celebração festiva participam os brincantes do boi, a comunidade e pagadores de promessa. O encurtado altar no salão é um ambiente sagrado, lugar privilegiado onde o sagrado se manifesta, ambiente consagrado que se transforma em espaço de comunhão.

Gradualmente, as personagens vão aparecendo em cada peça posta sobre o corpo. O ritual atrasa um pouco e o tempo é aproveitado para dar determinados ajustes nas indumentárias, organizar as fitas que compõe o chapéu e acertar os cocares das índias. A fogueira é acesa nas proximidades do barracão e, desta vez, além de afinar os instrumentos, tem um significado extremamente específico. Como é noite de São João, o santo em seu dia tem a fogueira como fundamental símbolo de referência.

O cortejo é de tal modo preparado: na frente as tapuias, depois os vaqueiros, seguidos dos caboclos de fitas e tocadores. O Pai Francisco montado numa burrinha⁴ desfila por todo o grupo, atentando e tomando gosto com os integrantes e com os ajudantes. Catirina, garbosamente desfila, expondo sua barriga de grávida.

O batismo é um rito de transformação de status e, como todo ritual de transformação, seu objetivo central é a reestruturação radical da identidade do participante, compreendido assim como rito de passagem, como ritual de transformação que confere aos batizados um status novo, um status livre de qualquer obrigação com a velha ordem (VIANA, 2013, p. 82).

⁴ A burrinha é uma estrutura feita com buriti coberta de chita, plagiando uma burra. Há uma abertura no seu centro, deixando que um integrante possa assentar-se no meio, sustentando-a por meio de suspensórios, “tem a função de brincar ao redor do boi. Goza com a plateia e sua missão maior é não deixar que se quebre a roda da brincadeira” (REIS, 1999, p. 15 apud VIANA, 2013, p.89).

Segundo Viana (2013, p. 83), o simbolismo do batismo da Igreja Católica é transferido aos grupos de Bumba-meu-boi. Através do batismo, vivica-se, purifica-se, renova-se esse ente, sendo-lhe dado “status de cristão sob a proteção divina [...]”.

Carvalho (1995) ressalta que o batizado do boi é um momento especial, período em que os brincantes irão usar uma nova indumentária e o couro do boi com seu nome e com estrela na testa. A cada ano, o couro do boi é substituído por um novo, mantido em segredo até o momento do batismo, sendo, nessa ocasião, mostrado aos presentes. Quanto às implicações religiosas Azevedo Neto nos diz que

O bumba meu no Maranhão é indiscutivelmente, parte integrante de um processo mítico. Entretanto, não existem, contrariando alguns estudiosos, quaisquer implicações idólatras, pois não é ao boi que se rende a homenagem, mas, através dele, a um santo (AZEVEDO NETO, 1983, p. 66).

Continua Azevedo Neto (1983, p. 66): “isto retira toda e qualquer possibilidade de idolatria, cujo receio, por sinal, ocasionou o fechamento das portas da igreja de São João aos Bois de São Luís [...]”.

É claro que existe – e não há como negar – um amor incomum pela peça física do boi, mas não ao ponto de transformá-lo em fetiche. É claro, ainda que exista um quase respeito por essa peça, sem que essa atitude, porém, possa ser confundida com uma atitude fetichista. Não é em função do boi que o cordão se prostra contrito e respeitoso, na hora do batismo, e nem é pelo boi que o brincante clama, aflito, no instante de suas angústias. O boi é apenas o veículo. O veículo de aproximação entre o devoto e o santo (AZEVEDO NETO, 1983, p. 66).

E ainda Azevedo Neto (1983, p. 66) que nos diz: “existem em grande parte da população maranhense, culturalmente predisposta a misticismo, a crença de que agrada a São João organizar um Bumba-meu-boi ou participar de um já organizado”. Segue o autor dizendo que, dessa forma, garantem-se ao Santo cantos e danças; já para outros santos, oferecem sacrifícios e rezas.

2 BUMBA MEU BOI DA LIBERDADE

Segundo Silveira (2014), o Bumba-meu-boi da Liberdade foi instituído em 1956 pelo Sr. Leonardo Martins dos Santos (1921-2004). A brincadeira é conhecida também pelo nome do seu criador, com sua sede na Rua Alberto de Oliveira, nº 150. Leonardo ainda teve companhia de outras pessoas nesse processo de fundação, que foram Sebastião Barbeiro, Virício, João Abreu, Popó e Romário, já falecidos. Agrega à classe dos grupos de Zabumba ou Guimarães, o mais antigo sotaque do Maranhão, de origem fincada em raízes africanas e um dos pioneiros a se formar na cidade de São Luís. Para Silveira (2014, p. 21), “tem nas batidas dos tambores zabumba e pandeirinhos a constituição de sua frenética musicalidade. São instrumentos rústicos de percussão, talvez originários da matriz africana, confeccionados em madeira e couro de animal”

Mestre Leonardo confeccionava os instrumentos, as indumentárias, compunha e cantava, além de garantir os espaços para as apresentações do grupo. Sua filha Regina, fala das múltiplas habilidades manuais do mestre: “Mas ali era completo, esse homem era completo, ele não se aperreava. Eu já me aperreio, porque eu sei pouco e não tenho tempo disponível, também. Tenho conhecimento, mas não tenho tempo, não tenho a técnica de fazer nada disso, só conheço” (SILVEIRA, 2014, p. 26).

Foto 2 - Mestre Leonardo



Fonte: Arquivo pessoal

Silveira (2014), ainda refere que “Leonardo Martins dos Santos Nasceu no dia 6 de novembro de 1921, e era filho de seu Bernardo José dos Santos e dona Sinfrônia Martins dos Santos. Em 24 de junho de 2004, em São Luís, veio a Falecer em decorrência de um acidente vascular cerebral. Silveira (2014, p. 25) comenta que “começou a dançar no Bumba-meu-boi e tambor de crioula aos oito anos de idade, ainda no povoado onde nascera”. Continua a Autora nos dizendo que, devido à morte do pai, foi trabalhar na roça aos dezesseis anos. Aos dezenove anos, mudou-se para São Luís, crendo que na capital, teria outras oportunidades. Antes de criar seu próprio boi, Leonardo participou de outros grupos.

Antes de decidir fundar o próprio Boi, Leonardo era seguidor de Tambor de Crioula na cidade onde morava, tocando tambor para grupos no interior do Maranhão. Portanto, dentro da associação junina Bumba-meu-boi da Liberdade as tarefas dedicadas ao Tambor de Crioula nunca foram encaradas como secundárias, como vistas em outros grupos. Leonardo perdeu o pai com dezesseis anos, se mudou para a capital maranhense com dezenove anos, atraído com a promessa de melhores condições de vida, condições estas encontradas quando conseguiu uma função no sindicato dos arrumadores (BRANDÃO, 2016, p.172).

Silveira (2014, p.22) enfatiza que a maioria dos componentes da brincadeira é natural da região de Guimarães, com alguns ainda morando por lá, vindo para a capital na temporada junina, e o restante mora em São Luís concentrando-se no bairro da Liberdade.

São eles que fazem essa tradição cultural se perpetuar, ainda que sob influência dos meios externos, procurando garantir seus símbolos de tradição em um contexto de modernidade. Isto ocorre por se tratar de um grupo que, assim como os demais desse sotaque, prima pela preservação das características, conservando os rituais que o diferenciam dos demais sotaques e grupos, sendo esses elementos símbolos de tradição, que lhe garantem grande valor e prestígio, socialmente falando, entre os bois de Zabumba (SILVEIRA, 2014, p. 22).

Silveira (2014) ressalta que, posteriormente à morte do Mestre Leonardo, Claudia Regina, assumiu o compromisso de comandar a brincadeira a pedido do pai, pouco antes de falecer, já no hospital, em 2004, como um ritual de passagem. Regina passou a ser a ama do Boi de Leonardo, dando seguimento à promessa do pai, num processo de transição bastante difícil. Prossegue Silveira (2014, p. 31): “a promessa ao santo foi que Regina recebeu como herança do pai. Com ela, a responsabilidade de garantir as apresentações do boi todo ano”.

Segundo Brandão (2016), a aproximação de Claudia Regina, como responsável da brincadeira, começou em 2000 quando percebeu a idade já bastante avançada de seu Pai Leonardo, adoentado e debilitado. Não tinha mais capacidade de comandar o Boi. Leonardo passou a desenvolver certas inabilidades, tais como o esquecimento das letras toadas. O criador passou a sofrer um processo de exclusão dentro da própria brincadeira. Ao perceber essas situações, familiares passaram a pedir que Regina assumisse o Boi, até mesmo preocupados com possíveis rompimentos internos que viessem a prejudicar a administração do grupo. Em 2002 Regina resolveu dar as caras no barracão para presenciar o ritual da morte do Boi, e percebeu certa desorganização por parte das pessoas que estavam envolvidas com o grupo. Leonardo, na ocasião, expressava sua infelicidade com as alterações, entretanto, demonstrava não ter forças para exigir que as tradições dos festejos fossem conservadas. Portanto, foi um marco para que Regina se atribuísse como diretora do boi, por direito.

Segundo Cláudia Regina, durante a primeira reunião, a ama deixou claro aos integrantes da mesa diretora: “gente, a única coisa que eu posso fazer, por direito, é fazer a parte que meu pai não faz mais”, no entanto, seu pai era o gerente máximo do grupo, tendo inclusive, a prioridade da conta bancária em que eram depositados os pagamentos dos contratos feitos com o Governo do Estado. Portanto era natural que, assumindo o papel de seu pai, a atual ama do grupo assumisse também as atividades de organizações necessárias para manutenção das tradições do Boi da Liberdade (BRANDÃO, 2016, p.175).

Segundo Silveira (2014), Regina não compartilhava do Boi nem do Tambor de Crioula, pois não queria e, além disso, por falta de tempo. Várias vezes seu Pai Leonardo a convidava, pois a queria no grupo e orgulhava-se de ter uma filha estudada. Devido à sua saúde Leonardo deixou de comandar o boi e Chico Coimbra que, era cabeceira e filho de Popó, um dos fundadores, ficou à frente do Boi. Regina, ao perceber a intensa tristeza e o enorme desespero do pai em relação às modificações que o novo amo fazia, decidiu reivindicar o lugar do pai.

Foto 3 - Regina Ama do Boi da Liberdade



Fonte: João Maria Bezerra

Sobre o surgimento do Bumba-meu-boi de Leonardo. Alauriano Campos de Almeida (1999, p.77), conhecido como “seu” Lauro, faz o seguinte comentário:

Em 1955, Leonardo era zabumbeiro de Medônio. Em 1956, brigou com ele e fez seu próprio Boi no Matadouro. Em 1957, quando eu havia chegado do Rio de Janeiro, ele foi na minha casa me propor sociedade, mas não aceitei pois já tinha dado o sim a Aurinéia, mãe de Sarapião. Leonardo se achava rei: ele se achava não ele se acha. Está certo ele tem muitos brincantes graúdos, brincadeira de acordo, mas considerar a sua melhor das brincadeiras e superstição. De jeito nenhum o Boi dele é melhor que o meu tenho certeza. Leonardo teve essa violência com minha brincadeira, pois nasceu dela.

Silveira (2014) comenta que, segundo levantamento da comissão de folclore em 2010, o Bumba-meu-boi de Leonardo é um dos grupos mais antigos de Bumba-boi. Conta com aproximadamente cento e sessenta brincantes, chamados de cabeceiras, rajados ou caboclos de fita, vaqueiros, zabumbeiros, índias tapuias, pandeiristas, o Pai Francisco, a Catirina, os miolos do boi e da burrinha.

A sede do Boi sempre foi no bairro da Liberdade. A história contada é que Leonardo comprou a casa com dinheiro ganho no jogo do bicho. Dizem que recebeu a indicação em um sonho, sendo São João, o santo de sua devoção, quem lhe prestou o auxílio. Mas uma vez, se apegou a São João, prometendo criar o boi, caso fosse atendido. Após a sua recuperação, voltou a jogar no bicho e ganhou novamente. Em agradecimento, criou o Boi e, enquanto viveu, botou o boi na rua “para brincar” (SILVEIRA, 2014, p. 22)

Silveira (2014, p. 41) enfatiza que “O grupo de Leonardo é composto pelo Bumba-meu-boi e pelo tambor de Crioula ‘Poderoso Padroeiro’, dos quais participam os mesmos brincantes”. Viana (2013) comenta que o Boi da Liberdade se apresenta com dois bois, um é o boi de promessa, que é o símbolo da fundação. Cumpre

ressaltar que esse boi é permanente, fazendo modificações apenas em seu couro. Já o outro boi é trocado todos os anos no dia do batizado.

Viana (2013, p. 94) ressalta que “A religiosidade característica de muitas manifestações populares brasileiras é de fato, marcante nos grupos de Bumba-meu-boi maranhense”. Sobre esse assunto Azevedo Neto (1983, p. 66) comenta que

Existe em grande parte da população maranhense, culturalmente predisposta a misticismo, a crença que agrada a São João organizar um Bumba-meu-boi ou participar de um já organizado. Em razão disto, prometem a eles estes cantos e estas danças como, em relação a outros santos, oferecem sacrifícios e rezas.

A promessa é um tipo de afinidade entre o fiel e o santo de sua religiosidade para aquisição de uma graça, e foi por religiosidade ao santo que Leonardo criou seu Boi, como se pode notar no seguinte relato:

Leonardo afinal assumiu como cabeceira o papel de cantador no Boi de D. Irinéia, num barracão da festa de S. Gonçalo, na Liberdade... e assim ficamos até agora [...] como o boi usava uma casa emprestada “carinho de casa alheia, você sabe, hoje sim, amanhã não; hoje tá contente, depois tá olhando com cara torta...” Leonardo pegou-se com São João e prometeu: o que ganhasse no jogo do Bicho empregaria na compra de uma casa que sediasse o Boi. “Ganhei muitas vezes e comprei a casa. Ele (S. João) é o dono da festa, quem me deu esse meio” (LIMA, 2003, p. 16).

Azevedo Neto (1983) nos refere à lenda que explica o porquê de fazer um boi como obrigação a São João:

São João tinha um boi. Pequeno galheiro de couro enfeitado. Um rico boi preto de raro saber: a dança. Se posto na roda, em noites de festa, gira-girava em sustos de brilhos e fitas. E João o amava. E João o aguardava. E João só o mostrava-nos de aniversário. E gente chegava e gente juntava para ver o bozinho de couro enfeitado gira-girando no aniversário do Santo: o instante mais rico da festa. O momento aguardado o momento guardado na saudade do santo (ZEVEDO NETO, 1983, p. 48).

De acordo com Viana (2013), o boi de Leonardo já batizado e com a bênção, licença e autorização do santo, poderá ganhar as ruas da cidade. A apresentação inicial acontece em frente ao barracão. Em seguida a todo esse ritual, o boi está autorizado para dançar, cantar e maravilhar os Arraiais da cidade de São Luís e ainda no interior do Estado.

Segundo Silveira (2014), já está estabelecido no calendário do Boi da Liberdade uma viagem todo ano para Santa Maria dos Vieiras, onde nasceu

Leonardo dos Santos Martins e viveu lá até os 19 anos. A ama Regina realiza essa excursão ao local de raiz como forma peculiar de homenagear o pai e reforçar a obrigação, com ele e com o santo, em conservar viva a tradição deixada como legado cultural por Leonardo e os demais criadores.

Portanto, essa viagem à comunidade de origem do Boi da Liberdade é de extrema importância, já que proporciona o fortalecimento da tradição do sotaque ser de Guimarães, além disso, traz prestígio à brincadeira. É uma região com forte presença de afrodescendentes remanescentes de quilombo.

Segundo Silveira (2014), em meio a inúmeros eventos de que o Boi da Liberdade participou, um foi extremamente especial para a brincadeira. O Bumba-meu-boi da Liberdade participou do programa *Esquenta*, da Rede Globo de Comunicação, em 2013, na cidade do Rio de Janeiro. Essa viagem foi de extrema importância para a Ama Regina, pois a consagrou na direção da brincadeira, principalmente por ser um Boi do sotaque de Zabumba, uma modalidade não habitualmente aceita pelo padrão mercadológico-televisivo.

Silveira (2014) comenta que a estética dos integrantes e a forma da música não seduzem as massas. Os grupos de Bumba-meu-boi, especialmente do sotaque de zabumba, tiveram um período caracterizado pela discriminação e inclusive perseguições do Estado e da Igreja, principalmente por ser “coisa de negro”, “arruaceiros”, como fora por longos períodos.

O Boi da Liberdade, segundo informações da Regina, tem hoje cerca de 160 brincantes incluindo o tambor de crioula. A brincadeira é um ponto de cultura desde 2010. “Os pontos de Cultura foram criados no governo Lula, quando Gilberto Gil era o Ministro da cultura⁵”. Importa ressaltar que todas as brincadeiras participantes desse projeto recebem uma quantia em dinheiro para arcar com as despesas estabelecidas pelos responsáveis. No caso do Boi da Liberdade, uma porcentagem foi designada para a gravação do Disco.

Resistência (Zabumba Records e Na Music) foi gravado na sede do Boi de Leonardo, no bairro da Liberdade (São Luís, MA), em setembro de 2018, e mixado e masterizado em Belém no estúdio do selo Na Music. Produzido e dirigido pelo percussionista Luiz Claudio. O disco faz um resgate das principais toadas do Boi da Liberdade, trazendo 15 composições: sete de

⁵ Disponível em: <http://pedrosobrinhonews.com.br/2019/04/23/disco-do-boi-da-liberdade-sera-lancado-dia-4-de-maio-em-sao-luis/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

Zió (João Vieira), cinco de Mestre Leonardo, uma de Zé Pretinho, uma de Chico Coimbra e uma de Carlinhos de Carutapera, além da participação da filha de Leonardo, Regina Avelar, que canta em duas faixas.⁶

Para Albernaz (2004), em meados de 1960, o boi de zabumba foi convidado a dançar no Palácio dos Leões a convite do então governador José Sarney. Esse momento foi de suma importância para o fim das perseguições policiais a essas manifestações.

Foto 4 - Representação das Coureiras do Tambor de Crioula “Poderoso Padroeiro”.



Fonte: Arquivo pessoal

2.1 Ensaios e Treino

Conforme Viana (2013), na tradição do Bumba meu do Maranhão, existe uma diferença entre treinos e ensaios. O treino é o momento em que acontecem as primeiras conversas realizadas no interior do barracão, relacionadas às apresentações. Nesse momento o cantador apresenta suas novas toadas, os tocadores aproveitam para ter mais intimidade com os instrumentos. Dessa forma,

⁶ Disponível em: <http://Pedrosobrinhonews.Com.Br/2019/04/23/Disco-Do-Boi-Da-Liberdade-Sera-Lancado-Dia-4-De-Maio-Em-Sao-Luis/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

“treino” é uma espécie de planejamento do que vai acontecer na temporada junina. Sobre o ensaio Viana (2013, p. 64) nos diz que

Após os treinos iniciais, o batalhão se reúne para o primeiro ensaio. Os ensaios são feitos abertos ao público, em frente ao barracão, onde se prepara todo o batalhão para as apresentações; ensaiam-se as toadas, o auto, o bailado que sustentaram todo o grupo durante os festejos que se anunciam.

Portanto, como afirma Viana (2013), os treinos são uma forma de organização do grupo para a temporada e a escolha das toadas que vão fazer parte do repertório. Já o ensaio é o momento em que vão botar em prática tudo que foi acertado no treino, com a participação em massa de todo o grupo, isto é tocadores, cantadores caboclos de fitas, rajados, tapuias; toda essa festa em frente ao barracão com a presença marcante da comunidade. Viana (2013, p. 63) nos refere que “As toadas dos grupos de zabumba que tinham como características marcantes serem longas, e faladas em algumas composições apresenta uma construção com estrofes mais curtas [...]”.

Sobre o clima do ensaio em frente ao barracão, Viana (2013, p. 64) comenta que

Do lado de fora, a fogueira e acessa. Os estalidos da madeira sendo consumado pelo fogo são substituídos por um clarão em cores que se difunde entre a cor laranja, amarela e avermelha. Em torno da chama ardente, mesmo que inconsciente, os brincantes revivem o que os outros seres humanos já viveram e vivem em outros espaços e tempos. Símbolo de paixão, espírito, sobrenatural ou da própria natureza, purificando, destruição e regeneração, morte, renascimento, sabedoria, iluminação, veículo ou mensageiro entre o mundo dos vivos e o dos mortos em alguns ritos crematórios, o elemento fogo sempre esteve presente na vida social e religiosa de todos os povos.

De acordo com Silveira (2014), o primeiro treino do Boi da Liberdade acontece no Domingo de Páscoa, dentro do barracão, sempre no final da tarde, entrando pela noite com a presença da ama, as torcedoras e os cabeceiras que nessa oportunidade, fazem a exposição das novas toadas, Cabe ressaltar que as torcedoras e a ama é que irão escolher as toadas a serem cantadas nas apresentações.

Prosegue Silveira (2014, p. 41):

Depois começam os ensaios na rua, em frente ao barracão que acontecem aos sábados, geralmente por volta das 23 horas, só acabam quando o dia amanhece. Os ensaios são feitos aberto ao público, O último ensaio e chamado “redondo” deles participam os demais integrantes- “a turma”, pelo menos os da capital, porque os que residem no interior deixam para ir a São Luís só na época das apresentações.

Silveira (2014) refere que, posteriormente ao último ensaio, os brincantes voltam a se reunir na festança do batizado do Boi, no dia 23 de junho, quando o bordado do couro do ano é exibido aos integrantes e à comunidade. Dessa celebração festiva participam os dançantes do boi, seus parentes, a comunidade e pagantes de promessa.

A partir do dia 24 de junho, quando se celebra o dia do Santo homenageado, São João, a turma começa a maratona de apresentações públicas. São circuitos dos governos estaduais e municipais, arraiais de diversas naturezas, festas particulares, viagens, participações em programas de televisão, jornais etc., que se estendem até o dia 29 de junho, quando se homenageia São Pedro. Esse período, de temporada de 23 a 29 de junho, caracteriza o ciclo das apresentações públicas chamado de período junino (SILVEIRA, 2014, p. 42).

Carvalho (1995, p. 107) pontua que “num ensaio de boi predomina o clima de descontração, a tal ponto que a preocupação de “brincar” supera a de treinar”, sendo o treinamento desenvolvido sempre de maneira leve e espontânea “[...]”.

2.2 Tradição e Modernidade no Bumba-meu-boi

Corrêa (2010, p. 5) refere que “Tradição vem igualmente do Latim: “tradere”, significando “trazer”. Tradição, pois, seria aquilo que foi trazido, isto é, transmitido pelos antepassados [...]”.

Deste modo, as ações/reações de dois receptores diversos, mesmo tendo recebido informações idênticas, muito dificilmente serão idênticas. Isto é, a “tradição” só muito dificilmente será reproduzida de forma igual, o produto final se constituindo numa nova construção cujas semelhanças objetivas com a anterior nem sempre serão muito grandes. (CORREA, 2010, p. 5)

Marques (2000, p. 4 apud BRITO, 2016, p. 94) nos diz que:

De fato esses dois termos designam representações do mundo, modos de estar, estilos de vida que pode sem encontrados em qualquer época

histórica, conforme os ideias, valores, estética e modelos positivos ou negativos; maneiras de legitimar e racionalizar as ações, os comportamentos e os discursos de integrar os conseqüentemente, a tradição e a modernidade são termos que dialeticamente, em qualquer fenômeno cultural, em permanente tensão segundo a perspectiva histórico-social adotada.

Carvalho (1995) ressalta que tradição e modernidade no Bumba-meu-boi do Maranhão, nos dias de hoje, caminham lado a lado. As brincadeiras tradicionais, como é o caso do Bumba-boi da Liberdade, tentam manter aquilo que foi estabelecido no passado, porém fazendo algumas inovações sem que estas afetem suas características. As brincadeiras são forçadas a ter uma nova postura em suas apresentações por exigência de um contrato decorrente de dinheiro e prestígio. Para, Silveira (2014, p. 58) “as mudanças acarretam, em geral, conflitos que, por sua vez, são momentos de construção, de reflexão coletiva e debate [...]”. Nessa linha de raciocínio, Rios (2005, p. 73) comenta sobre tradicionalização do moderno e a modernização da tradição:

A tradição se renova devido às exigências da realidade moderna ou é reinventada de acordo com as circunstâncias históricas. Ao mesmo tempo, o que é aparentemente novo, moderno reveste-se do passado buscando nele aquilo que pode dar ao Bumba-meu-boi condições para não se “desmanchar no ar”, não ser subsumido em meio aos choques, paradoxos, heterogeneidade da vida moderna.

No Bumba-meu-boi da Liberdade, assim com os demais bois do sotaque de Zabumba, há uma presença em massa de brincantes mais velhos e humildes que tentam conservar essa tradição⁷, Silveira (2014, p.24) enfatiza que “manter um boi de tradição como é o de Leonardo/Liberdade, em um contexto de modernidade [...] exige de quem o lidera adotar estratégias para sua manutenção e visibilidade”. Esse autor cita que nessas estratégias, são levadas em consideração, em primeiro lugar, os elementos tradicionais que garantem o prestígio da brincadeira. De forma que sua atualização seja necessária de acordo com as novidades da indústria cultural decisivas no tempo moderno. De acordo com Azevedo Neto (1983), o Bumba-meu-

⁷ A tradição nas manifestações culturais – eruditas ou populares – só se mantém quando os valores que a sustentam são, ainda, satisfatórios aos seus agentes. Isto quer dizer: a tradição se mantém apenas enquanto continua a ser o efeito lógico de uma causa cultural. No instante em que conhecimentos novos, informações novas alteram essa causa cultural, logicamente o seu respectivo efeito folclórico será também alterado sem que isto, contudo, lhe retire a autenticidade (AZEVEDO NETO, 1983, p. 72).

boi maranhense está perdendo a sua forma tradicional, de maneira que a sua categoria, como dança dramática, possivelmente não será a mesma.

A tendência é a de que o Bumba deixe de ser feito assim e assim classificado para tornar-se, simplesmente, um folguedo. Um folguedo onde suas figuras sejam inconsequentes como as de um Cordão-de-Urso ou como as de Cordão-de Bichos de Tautí; onde a intenção de divertir-se sucumba ante a objetividade de apresentar-se; onde, ao invés de enredo/crônico de seu alienado, com intenções meramente estéticas; onde sua característica alegórica perca a capacidade analítica e finalmente, onde o seu poder de criticar desapareça em meio aos favores recebidos e compromissos assumidos (AZEVEDO NETO, 1983, p. 67).

Segundo Padilha (2014), no momento que a brincadeira de Bumba-meu-boi saiu da periferia da cidade para o centro, as suas apresentações ganharam uma nova forma, pois agora é realizado nos arraiais da cidade, designados ao seu próprio desempenho ao invés dos terreiros.

Carvalho (1995, p. 58) explica que:

Tradição e modernidade precisam ser encaradas como elementos, que convivem dialeticamente, determinados pela dinâmica social. A tradição para se manter, para se reproduzir, precisa se atualizar-se, modernizar-se. A modernização é, pois, uma exigência para a reprodução da tradição. Enfim, a atualização cotidiana é uma condição histórica para manter viva a tradição no interior da sociedade, que se transforma cotidianamente na ação de sujeitos concretos, gerando sempre novas formas de viver, de pensar e de sentir.

Percebe-se que nessa linha de tradição e modernidade no Bumba-meu-boi do Maranhão, há ainda alguns grupos que tentam manter a tradição, como é o caso do sotaque de Zabumba, Costa de Mão, Matraca e Baixada. Já o de Orquestra foi o que mais se modernizou, principalmente nos instrumentos e nas danças.

A tradição se articula com elementos da chamada modernidade, o que se apresenta no Bumba-meu-boi, com o uso de novos objetos na confecção de indumentárias dos brincantes, na armação do boi, na adequação de horários, redução ou suspensão do auto para apresentação dos grupos para atender ao contratante. (BRITO, 2016, p. 94).

Percebe-se ao longo dos anos que o Bumba-meu-boi do Maranhão vem perdendo a essência, as pessoas que estão à frente até tentam conservar essa tradição. Brito (2016, p. 97) positiva que “Mesmo com tais transformações, enquanto produto cultural maranhense, o Bumba-meu-boi não deixou de ser reconhecido como um elemento de produção que não perdeu seus traços indenitários [...]”.

Azevedo Neto (1983, p. 72) conceitua que:

A tradição nas manifestações culturais – quer sejam elas eruditas ou populares – só se mantém quando os valores que a sustentam são, ainda, satisfatórios aos seus agentes. Isto quer dizer: a tradição se mantém apenas enquanto continua a ser o efeito lógico de uma causa cultural. No instante em que conhecimentos novos, informações novas alteram essa causa cultural, logicamente o seu respectivo efeito folclórico será também alterado sem que isto, contudo, lhe retire a autenticidade [...].

O caso do Bumba-meu-boi da Liberdade comprova que o Boi conserva o status de manifestação tradicional. Seja em ganhar espaços entre outras brincadeiras, seja conservando certa estrutura da brincadeira, no que fere o enredo do boi. O pacto com a tradição de prosseguir a fazer o Boi a cada ano, as histórias conservadas e repassadas oralmente na memória dos brincantes, seja ela feita por meio do calendário ritual do Bumba-meu-boi ou na personificação do auto do Boi. Este folguedo liga passado em meio a um contexto atual que pretensamente se mostra novo, mas que, de fato, tradicionaliza-se à medida que procura na tradição, referencial que lhe dê um norte.

Na verdade, tradição não se mantém por uma atitude de isolamento que, por certo a esvaziaria, levando-a a ficar à margem da vida social; daí se afirmar que o elemento tradicional requer e comporta uma reatualização de sentido, em conformidade com o movimento real do processo das reações sociais, que colocava novas demandas e exigências para os produtores da cultura (CARVALHO, 1995, p. 59).

Padilha (2014, p. 184) comenta que as mudanças ocorridas nos Bois de Orquestra foram significativas para os demais sotaques

Os grupos dos sotaques mais “tradicionais” viam no sotaque de orquestra resultados performativos que lhe ofereciam, mas oportunidades de atuação e também um impacto maior na recepção. Assim, os grupos de sotaque de zabumba e de matraca têm vindo a aproximar-se de modelos propostos pelo sotaque de orquestra e que diz respeito à temática das toadas e a forma de organização empresarial.

Prossigue o autor enfatizando que:

A música foi decisiva nesse processo. Através dela, o Bumba meu Boi, representado pelo Boi de Orquestra, foi finalmente aceito enquanto prática autorizada no Maranhão, mas foi também a música que ofereceu aos mediadores a possibilidade de garantir o controle e a vigilância necessários para que continuasse a ser respeitada a ordem social por eles desejada (PADILHA, 2016, p. 221).

2.3 Instrumentos do Boi de Zabumba

Viana (2013, p. 51) comenta que, “o instrumento que marca a batida do grupo africano do Bumba-meu-boi maranhense é a **Zabumba**. Outras denominações lhe são dadas como, ‘bombo’ ‘bumbo’, ‘cabaçal’ ‘esquenta mulher’ [...]”. Segundo Lima (1982, p.16) então, “bombos, bumbos, ou zabumbas, são tambores de meio metro de altura, mais ou menos, conduzidos numa vara por dois carregadores [...]”.

No caso em questão, Viana (2013, p. 51) ressalta que

É um tambor grande coberto com couro de boi em ambos os lados. Antigamente, a circunferência que lhe dava forma era feita em madeira; atualmente é feita em zinco ou flandres. Instrumento de percussão que chegou ao Brasil no século XVIII, tornou-se popular, sobretudo, pela sua presença em manifestações de sambas, batuques, maracatus, pastoris entre outros. Outros instrumentos também acompanham a marcação do Bumba-meu-boi de Zabumba. São eles: pandeirinhos ou tamborinho, tambor onça, tambor de fogo e maracás.

Foto 5 - Apresentação do Boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019



Fonte: arquivo pessoal

Para Azevedo Neto (1983), esses dois instrumentos, a zabumba e o tambor de fogo são de característica africana. Sendo que a zabumba ou bombo é popular em todo o Brasil. Continua o autor enfatizando que

O **tambor de fogo** é um instrumento tosco, feito geralmente de tronco de mangue ou Siriba, [...] ocado a fogo e recoberto por couro cru de boi, preso à armação através de torniquetes de madeiras chamadas cravelhas [...] (AZEVEDO NETO, 1983, p. 24).

Azevedo Neto (1983, p. 24) explica a importância desses dois instrumentos na parte rítmica:

Puramente negro fogo e vibrante, tem traços de samba e macumba. Os tambores de fogo e as zabumbas fazem a espinha dorsal do ritmo, cabendo aos tamborinhos e maracás preencherem os espaços vazios. Para dar uma ideia melhor seria bom exagerar e dizer que fazem um contraponto [...]. Essa tendência de haver sons secundários para ocupar todos os espaços do compasso é inteiramente negra. O índio brasileiro, em sua música, é horizontal e monótona. O branco mais requintado.

Padilha (2014, p. 51) comenta como é feita a afinação do tambor de fogo e a forma de tocar:

É percutido com os dedos espalmados sobre o couro ou com baquetas, denominadas por marretas. Quando não existe mecanismo de afinação, os tambores de fogo são afinados com a aproximação da pele ao calor emanado de uma fogueira, o que faz com que está se contraia produzindo um som mais altivo, forte e reverberante.

Maracás “são umas latas providas de cabo (contendo grãos de chumbo ou quaisquer outros) dos mais variados feitios e tamanhos: cilíndricos, semi-esférico, cúbicos, etc., etc. São relativamente poucos, 4 ou 5 [...]” (LIMA,1982, p.16).

Segundo Azevedo Neto (1983, p. 24), “O maracá e tambor-onça são usados, também, pelos bois do Grupo Indígena, assim como o Grupo Branco utiliza o maracá”. Cascudo (2002, p. 360) pontua que “o maracá é o primeiro dos instrumentos indígenas no Brasil, é o ritmador das danças e dos cantos ameríndios [...]”

Azevedo Neto (1983) refere que os grupos de Bumba-meu-boi na metade do século XIX usavam os instrumentos, que eram de maneira comuns a todos. Não existiam matracas, nem zabumbas. Existiam pandeiros, de caixa mais alta ou mais baixa. Para complementar o ritmo os brincantes usavam a palma da mão. A diferença entre os grupos se dava pela criação dos passos e consistência do ritmo. Continua Azevedo Neto (1983, p. 23) afirmando que

Na região de Guimarães, por essa época ainda utilizavam para marcar o compasso, grandes pandeirões à semelhança dos pandeiros dos bois da ilha, só que de caixa mais alta para que fosse conseguido um som mais próximo aos surdos. Isto perdurou até que Gregório Malheiros, no povoado denominado jacarequara (que fazia parte, à época do município de Guimarães), resolveu substituir esses pandeiros por zabumbas e tambores de fogo. E enfim, Damásio, já com os instrumentos novos, criou o ritmo de Guimarães, o qual foi depois, gerado outras variações.

Foto 6 - Apresentação do Boi da liberdade na festança do Ceprama 2019



Fonte: arquivo pessoal

De acordo com Viana (2013), **os pandeirinhos** ou **tamborinhos** com sua forma cilíndrica são fabricados com madeira de jeniparana e cobertos com couro do boi, seu som é bem agudo. A sua afinação assim como a zabumba são feitas ao calor do fogo e tocado com as pontas dos dedos. Padilha (2014, p. 53) explica que “Sua função é responder aos instrumentos graves (zabumba), percutido com as pontas dos dedos quase sempre em contratempo, propiciando o repinico”.

Foto 7 - Morte do Boi da liberdade 2019



Fonte: arquivo pessoal

Viana (2013, p. 52) refere que **o tambor-onça** “tem o formato semelhante à cuíca, seu som parecido ao urrar do boi, é um cilindro confeccionado com flandres ou madeira, com umas das extremidades coberta de couro [...]”. Percebe-se que a reprodução do som é feita através de um pano úmido com o tocador deslizando para cima e para baixo pela haste central do instrumento.

O instrumental rítmico do sotaque de zabumba é constituído por zabumbas, pandeirinhos ou panderitos e maracás. O toque desse sotaque tem sonoridade mais pesada, apesar de ser constituído por um número menor de instrumentistas em comparação com o de matraca, e andamento predominante rápido. A pulsação é binária e optamos em escrever em compasso 2/4. Após o recitativo. O cantador toca o maracá, dando início ao tutti; as zabumbas iniciam seu toque, funcionando como guia, apoiando ritmicamente os padrões cométricos e contramétricos, para a execução dos pandeirinhos ou pandeiritos que tocam nesta sequência. Frequentemente, logo depois da entrada das zabumbas, um único pandeirinho inicia a intervenção do naipe, executando o seguinte padrão (RIBEIRO; SANTOS NETO; FREITAS, 2011, p. 54).

Quadro 1 - Padrão Rítmico

The musical score is written in 2/4 time with a tempo marking of ♩ = 100. It consists of two systems of staves. The first system includes Maracá, Pandeirinho 1, Pandeirinho 2, Pandeirinho 3, Zabumba 1, and Zabumba 2. The second system includes Matr., Pand., Pand., Pand., Zab., and Zab. The notation uses various rhythmic symbols such as eighth notes, quarter notes, and rests, often grouped with beams and accents to indicate specific rhythmic patterns.

Fonte: Ribeiro, Santos, Neto (2011)

De acordo com Ribeiro; Santos Neto; Freitas (2011), a partitura acima representa os padrões rítmico de execução de cada instrumento, respeitando-se a entrada cíclica dos respectivos instrumentos.

2.4 Personagens

Viana (2013, p. 169) enfatiza que “O Boi de Leonardo tem um certo estilo na maneira de vestir-se; os bordados que ornamentam as indumentárias dos brincantes e o couro dos bois se caracterizam pela exuberância e riqueza de detalhes [...]”.

Rajados ou **caboclos de fita** utilizam chapéu no formato de um cogumelo, coberto com fitas coloridas e uma franja feita de canutilhos, camisa branca comprida em cetim, calça saiote e gola. Brito (2016, p. 183) afirma que “o saiote utilizado sobre a calça de cetim vermelha segue o mesmo princípio, sendo composto de base de veludo bordado predominante por canutilhos [...]”.

Foto 8 - Apresentação do Boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019



Fonte: arquivo pessoal

O **Vaqueiro** segue o mesmo padrão da indumentária do rajado, porém com modificações no chapéu. Segundo Padilha (2014, p.56), “utilizam o mourão, uma espécie de vara enfeitada, que lembra a vara (*puya*) das touradas ibéricas”.

Foto 9 - Apresentação do Boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019



Fonte: arquivo pessoal

A **tapuia** “usa saia de fibra de saco desfiado, que é presa em um cós de tecido estampado. A blusa – uma espécie de bustiê - é confeccionada com o mesmo tecido estampado utilizado para a confecção do cós” (PADILHA, 2014, p. 57).

“São representadas pela indumentária com pedrarias de maiores dimensões dotadas de um chapéu que possui características similares a uma coroa [...]” (BRITO 2016, p.180).

Foto 10 - Apresentação do boi da Liberdade na festança do Ceprama 2019



Fonte: arquivo pessoal

O **boi** tem a carcaça menor que a dos outros sotaques. O seu couro é composto de veludo preto bordado normalmente em relevos com enxertos de tecidos, pedraria, miçangas e canutilhos (PADILHA, 2014) “O chifre possui acabamento em marabu branco e ponteira pintada com tinta dourada. O focinho também recebe ornamentos bordados, com pedraria e miçangas” (BRITO, 2016, p. 189).

Foto 11 - Morte do Boi da Liberdade 2019



Fonte: arquivo pessoal

Pai Francisco: “Vaqueiro da fazenda que desencadeia o enredo ao roubar e matar o boi para atender a desejo de mãe Catirina. Desempenha um papel cômico” (PADILHA, 2014, p. 41). “[...] usava máscara e vestia terno surrado. Portava uma espingarda carregada com pólvora (sem chumbo com a qual atirava no boi, matando-o e conseguindo com o tiro causar excitação e hilaridade entre os assistentes [...])” (AZEVEDO NETO, 1983, p. 55).

Mãe catirina “mulher de Pai Francisco. Ela é quem, grávida desejando comer a língua de boi, precipita os acontecimentos. Usava também, máscara, geralmente de pano” (AZEVEDO NETO, 1983, p. 56).

2.5 Ritual de Morte do Boi da Liberdade

A cerimônia da morte nas brincadeiras de Bumba-meu-boi marca oficialmente o encerramento do período de apresentações. Ocorre, geralmente, entre os meses de agosto e setembro. Viana (2013, p. 126) afirma que “o ritual da morte também é uma celebração da vida, daquele que pagão, tornou-se cristão e assim aceita a morte como rito de passagem para outra fase e, como celebração,

precisa ser festiva”. A esse respeito Carvalho (1995, p.136) infere:

Expressa-se aí o grau de importância que a “morte do boi” assume na “brincadeira” que, tradicionalmente, encerrava seu ciclo anual com essa festa, tendo, portanto, a mesma um sentido de despedida. Mas a “matança” é feita dentro de um clima contraditório de alegria e tristeza, felicidade e saudade, prazer e dor. Ao mesmo tempo em que se comemora a etapa final de uma “boiada” bem-sucedida, uma vez pôde ser concluída com “festejo”, também se dá um “sentido adeus” ao boi que parte, prometendo voltar na próxima temporada.

É ainda Viana (2013, p.125) que enfatiza: “O tema ‘morte’ no Bumba-meu-boi está presente tanto no ritual da morte propriamente dito enquanto momento de fechamento de um ciclo de apresentações como também, no auto que dá origem a essa festa [...]”. Para Marques, (1999, p.148 apud VIANA (2013, p.126), “mais do que qualquer outro momento, e na morte que o caráter profano junta-se ao sagrado, numa dialética que celebra os dois polos contrários primordiais à existência[...]”.

Ressaltemos que durante a pesquisa houve o privilégio de acompanhar de perto o ritual da morte do Boi de Leonardo. Os brincantes bem alegres cantavam e dançavam nas apresentações de casa em casa pelas ruas do bairro da Liberdade. Segundo Viana (2013), o boi por várias vezes tenta fugir do cordão, sendo seguido de perto pelos vaqueiros, já pressentindo o perigo da morte. A respeito desse assunto Morin (1976, p. 54 apud VIANA, 2013, p. 128) em seus estudos comenta que

Porque é evidente para nós que o animal, ao mesmo tempo que ignora a morte, “conhece”, contudo, uma morte que seria a morte-agressão, a morte perigo, a morte inimiga. Toda uma animalidade blindada, couraçada, eriçada de espinhos, ou provindas de patas galopantes, de asas rapidíssimas, exprime a sua obsessão pela proteção no coração da selva. A tal ponto que reage ao mínimo som, exatamente como ao perigo de morte, seja pela fuga, seja pela imobilização reflexa. [...]

Cabe salientar: quando chega o final da tarde de domingo, as ruas do bairro da Liberdade ganham um brilho dos canutilhos e miçangas das indumentárias vermelha e branca dos brincantes, com movimentação intensa os brincantes vão se organizando em frente ao barracão do saudoso Leonardo. As bebidas assim como conhaque, e a tradicional cachaça já rodeiam entre os brincantes; a fogueira é acesa novamente para afinar os tambores de fogo, zabumbas, pandeirinhos que por sua vez aliviaram entre o fim da noite anterior e o final da tarde. Ao som do apito da ama Regina chama sua turma para mais uma vez guarnecer em frente ao Barracão os personagens da festa, batuqueiros, vaqueiros, caboclos de fita, tapuias, Pai

Francisco e Mãe Catirina vão-se aproximando (VIANA, 2013).

Ainda, posteriormente, o canto de reunida⁸, dá início ao cortejo, enquanto o grupo dança, surgem os bois enfeitados com balões e galhos de árvore no chifre que são acossados pelos vaqueiros. Armados de laços, tentam laçar. Há o repinicar dos pandeirinhos, o batuque forte das zabumbas e tambor de fogo. O cortejo continua pelas ruas dos bairros e a comunidade também participa da peregrinação. Os bois, sempre acompanhados pelos vaqueiros, de vez em quando tentam fugir, então algumas paradas são feitas em frente às casas de brincantes. Cantam-se toadas de louvação ao dono da casa e ofertas como bolos e doces são recolhidas e assim continua a caminhada (VIANA, 2013, p. 98).

No contexto da religiosidade católica, há um ritual, parte da promessa feita por grupos de bumba-meu-boi, denominado morte de *esbandalhar*, oferecido especialmente São João. Trata-se de uma promessa em que a carcaça do boi é confeccionada de maneira especial para o ritual de morte. Na promessa, realizada principalmente na região da Baixada Maranhense, o boi é sacrificado e sua armação é quebrada, *esbandalhada* e entregue ao santo para que a promessa seja cumprida.⁹

No decorrer do trajeto há em especial a parada em uma casa onde se encontra uma oferta: o mourão¹⁰. Em seguida a aceitação do mourão o cortejo continua em direção ao barracão onde inúmeras pessoas já aguardam para começar a cerimônia da morte. O mourão é encaixado no chão em frente ao barracão. Enquanto isso, a cerimônia prossegue: o boi é amordaçado pelo pescoço com barbante e obrigado a caminhar até o mourão, a uma resistência trava um duelo com os vaqueiros isso tudo em tom de brincadeira. Finalmente, o boi chega até o mourão onde é abatido e, simbolicamente, morto (VIANA, 2013).

⁸ O mesmo que Guarnecer.

⁹ (complexo cultural do Bumba-meu-boi, 2011, p. 98).

¹⁰ É uma espécie de mastro, peça de madeira, qual o tronco de árvore adornado com papéis coloridos com flores de papel, bombons, balões, onde o animal será sacrificado (VIANA 2013, p. 134).

Foto 12 - Mourão, Morte do Boi da Liberdade 2019



Fonte: Arquivo Pessoal

Foto 13 - Ladainha, Morte do Boi da Liberdade 2019.



Fonte: Arquivo pessoal

Percebe-se que nas brincadeiras de Bumba-meu-boi de hoje a celebração da morte torna-se um ato característico da tradição. Antigamente, assim que o boi era morto, encerravam-se as festividades, ou seja: a brincadeira só saía no ano seguinte. Portanto, como o Bumba-boi se encontra hoje incluso no contexto do Turismo do Maranhão, mesmo após esse ritual de morte, as brincadeiras continuam apresentando-se, como explica Rios (2005, p. 71) em seu trabalho:

Com o advento do Bumba-meu-boi como produto turístico, a morte tornou-se simbólica, remetendo a uma satisfação em dar continuidade a uma tradição. E a continuidade se eu sem que o boi fosse quebrado completamente e distribuído aos participantes, sendo este ato representado com a distribuição de bombons que são colocados e ornamentam o couro do boi.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho de conclusão de curso caracteriza-se como uma pesquisa Bibliográfica. A pesquisa ocorreu em quatro etapas principais sendo eles: pesquisa bibliográfica: artigos, trabalhos científicos e livros alusivos aos fatos históricos e em torno da manifestação cultural em foco, fichamentos de dados e redação de texto sobre cultura popular. Pesquisa de campo: pesquisa exploratória, que permite ao pesquisador definir o seu problema de pesquisa que tem como base. Há um processo de descaracterização do Bumba meu boi de Zabumba? Quais as razões que estão por trás dos esquecimentos da memória do Bumba-meu-boi de zabumba? Por que a comunidade tem participado pouco da brincadeira do Bumba-boi de Zabumba? A mídia tem um papel preponderante para a manutenção da tradição da brincadeira do Bumba meu Boi e a aceitação dos seus sotaques? Quantitativa e qualitativa de amostragem com os representantes da entidade, comunidade e brincantes para obtenção de dados informativos primários e secundários, questionário com cinco questões qualitativas. Análise e interpretação dos dados e das observações feita em campo: questionários, entrevistas. E, finalmente, a redação do relatório.

No campo, bem como todas as fases da pesquisa, o autor procurou entendimento dos fatos analisados como dado social e de acordo com a história condicionado: as pessoas/integrantes e seu meio. Desta maneira a pesquisa de campo aconteceu a partir dos entendimentos teóricos levantados da pesquisa bibliográfica e a utilização dele aconteceu como forma de vivenciar o campo pesquisado. A pesquisa de campo na manifestação do Bumba-meu-boi de Leonardo ocorreu no período de maio a setembro de 2019, no Bairro da Liberdade em São Luís-MA. Os sujeitos da pesquisa foram os próprios integrantes do boi e organizadores, A entrevista foi usada com a finalidade de compreender a história do Boi, a diferença com os outros sotaques, e a semelhança dele com o bairro, o questionário e as entrevista estão no apêndice.

3.1 Levantamentos de dados em campo

Os dados coletados permitiram uma análise do Boi da Liberdade sob o olhar da essência, criação, tradição e continuidade. O ponto de vista analisou, além

disso, que a brincadeira se diferencia por ser portadora de uma cultura organizacional fundada pelo mestre Leonardo e atualizada pela ama, Regina, sua filha e herdeira. A seguir expõem-se determinadas informações pertinentes ao Bumba-meu-boi da Liberdade.

Quadro 2 - Dados do Boi da Liberdade.

Fundador	Leonardo Martins dos Santos
Ascendência do fundador	Guimarães – MA
Responsável atual	Cláudia Regina Avelar santos
Data de fundação	01/10/1956
Números de integrantes	162
Local da sede	Liberdade em São Luís-MA
Estilo	Zabumba
Instrumentos	Zabumba tamborinhos tambor de fogo maracá
Outro folgado	Tambor de crioula

3.2 Entrevistas

A coleta de dados foi conduzida de forma semiestruturada por meio de relatos verbais a partir de perguntas abertas. Foram feitas com:

Responsável da brincadeira e brincantes representando cada personagens, a fim de verificar-se a dinâmica e organização da Manifestação.

O primeiro entrevistado foi o sr. Odiavam, conhecido na brincadeira por “Didi”, morador da Liberdade. Há cinco anos brinca no boi. O seu personagem é o caboclo de fita e o único de sua família a participar do boi. Segundo ele, a

importância do boi para a comunidade é a diversão, pois o mesmo cresceu escutando a batucada e foi criando admiração pelo boi, além disso, recebeu um pedido do Mestre Leonardo antes do falecimento deste para participar da brincadeira.

O segundo entrevistado, José de Ribamar, conhecido por “Mangueira”, morador do bairro da Liberdade. Há 45 anos brinca no Boi. Atualmente é zabumbeiro, um dos três de sua família a participar da brincadeira sendo que seu irmão, que brincava, já faleceu. Começou na brincadeira por influência de sua Mãe.

A terceira entrevistada é Dona Vitória, de noventa anos. Segundo ela, umas das fundadoras da brincadeira juntamente com Mestre Leonardo, em 1956. Já foi vários personagens: zabumbeira, Catirina Pai Francisco, vaqueira, caboclo de fita, só não miolo. Na sua família ela e seu filho participam da brincadeira. Começou através do convite feito pelo próprio Leonardo. Para ela, “é bonita e bacana a importância do boi” para a comunidade. Dona Vitória relata que, antes de criar o Boi, Leonardo participou do boi de Misico, Laurentino e Iríneia localizado na “barrigudeira”, no Bairro do Monte Castelo:

Ele era zabumbeiro. Leonardo se aborreceu no boi de Iríneia e disse que iria fazer um boi e não iria brincar em mais boi nenhum, então ele pediu ao santo “ô meu são João se você me der um sonho que eu jogue e ganhe esse dinheiro eu vou fazer um boi”, pois ele sonhou de manhã se levantou se arrumou e foi jogar e ganhou, comprou a casa onde hoje é o barracão do boi, então ele convidou os colegas do sindicato e contou o sonho e falou que iria botar o boi, ela ainda nos revela que o primeiro ensaio foi feito na casa do finado Verício na Rua Augusto de Lima no Bairro da Liberdade, pois a casa na qual ele comprou ainda não tinha condições de ensaio, pois ainda iria mandar arrumar.

A quarta entrevistada foi a Ama Claudia Regina responsável do Boi da Liberdade. Disse que, após o trabalho de pesquisa “nas entranhas do bumba-meu-boi” de Marla Silveira, vivenciou a relação de amor e ódio dentro da instituição, pois alguns brincantes, principalmente do seguimento masculino não a aceitavam no comando do Boi, por ser uma mulher. Em contrapartida outros brincantes já a apoiavam pelo fato do Boi ainda estar resistindo e permanecer na mesma comunidade. Ela ainda diz que não se considera diretora legal do boi, apenas filha de Leonardo e uma grande estrategista para conduzir a brincadeira. A saber:

“Se eu não procurasse meios, se eu não procurasse me qualificar pra eu conviver com isso aqui não estaria falando com tanta ênfase com tanta propriedade,

porque é uma coisa que eu sei porque me preparei pra isso aqui”

Quanto ao aspecto cultural, Regina comenta que “É um projeto do Ministério da Cultura do Governo Federal e a intenção desse projeto era fortalecer as ações e reconhecimento diretamente dos grupos culturais que vem resistindo a tempo passando por dificuldades”. Antes de se tornar ponto de cultura o boi recebeu das esferas estadual, municipal e federal medalhas e diploma pelo reconhecimento cultural, o que facilitou a brincadeira receber o ponto de cultura. Portanto o ponto de cultura veio oferecer subsídios para poder manter-se a brincadeira. No caso do boi da Liberdade funcionava uma oficina de bordado mantida com a verba repassada pelo projeto.

Foto 14 - Confeccionados no ponto de cultura



Arquivo pessoal

Foto 15 - confeccionados no ponto de cultura.



Arquivo: pessoal

3.3 Análises dos dados

A partir de um estudo de campo com o Bumba-meu-boi da Liberdade, este Trabalho de Conclusão de Curso assumiu como objetivo analisar o Bumba-meu-boi de Zabumba de Mestre Leonardo, buscando, através da memória, a preservação da tradição popular maranhense. Percebe-se que há um descaso tanto do poder público quanto da própria comunidade com essa manifestação que foi a pioneira do Bumba-meu-boi do Maranhão, apesar de que outro sotaque representado pelo boi de orquestra foi decisivo para aceitação pela elite dessa manifestação.

O primeiro contato com a brincadeira foi realizado no barracão do boi no dia 23 de junho de 2019, no ritual de batismo da brincadeira. A finalidade era o de trabalho de pesquisa e registros com o máximo de detalhes possível. Além de criar certa familiarização com os responsáveis e integrantes da brincadeira.

Foi observado a movimentação dos brincantes e da própria comunidade em torno dessa comemoração festiva que marca um dos ciclos da brincadeira, momento em que o bordado do couro do ano é apresentado e apresentado aos integrantes e a comunidade.

Quanto ao sotaque de Zabumba a lamentação mais reentrante se refere à desvalorização por parte do público, que demonstra maior prioridade pelos demais estilos, na Capital. Isso se reflete no menor número de apresentações proposto ao grupo nos arraiais da cidade. A tradição nunca deve ser desestimada, pois é uma das formas de considerar valores de uma época para as gerações futuras. No entanto, a pós-modernidade estabeleceu ressonância do tempo atual. Deste modo, ambas são efetivas nas manifestações culturais de um povo.

Os festejos juninos estabelecem uma manifestação sociocultural que proporciona um caráter simbólico. Algumas manifestações ocorrem nas festas desapareceram, transformaram-se ou fortaleceram-se através da difusão de valores que vem ocorrendo de geração para geração. No caso do Bumba-meu-boi no Maranhão, ficou claro que a festa continua sendo tradicional à medida que se vem transformando.

Como foi explanado, a elaboração do Bumba-meu-boi - ensaios, indumentárias, personagens, batismo, as toadas do folguedo - está pertinente às promessas e reverências aos santos da época junina, assim como às entidades das

religiões afro e indígena, em sincretismo religioso. Essas etapas de elaboração diferenciam-se em todo seu contexto no sentido do “celebrar”, referendando um momento de confraternização e de união entre os integrantes; e fortalecendo também o espírito comunitário. Finalmente, em toda essa história, o boi se destaca como uma demonstração da cultura popular maranhense continuando uma marca ativa e presente no dia-a-dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao garantir-se que o Bumba-meu-boi é tradicional, quer-se chamar atenção para o fato de que o auto do boi, como refere a narrativa, é sempre capaz de ser apresentado e reapresentado inúmeras vezes, sem perder seu fio condutor: o boi e seus personagens, a sua grandeza natural, os conceitos de onde partiu e para onde retornará, mesmo que seja explicado quantas vezes foram necessárias por quem o escutar, observar e refletir.

Sem equívoco o Bumba-meu-boi do Maranhão é um aglutinador de temporalidades, de alusões culturais e de grupos que procuram cultivar acesa a chama de suas contribuições para a elaboração dessa brincadeira. O sentimentalismo das toadas e coreografias mais difíceis atraem um grande número de brincantes, patrocinadores e público em geral. Agrupado a tudo isso, o apoio do Poder público e da iniciativa privada, nas comemorações juninas, mantêm como o boi, tornou-se fruto capaz de deter absorções turísticas para o Estado.

Leonardo, ao fundar o boi da Liberdade em 1956, composto, em maior parte, por familiares e conterrâneos da região de Guimarães, não imaginava que essa brincadeira chegaria a ser um dos mais tradicionais e consagrados do bumba-meu-boi do Estado do Maranhão.

Naquele tempo, a ideia do grupo concebia apenas a diminuição da separação de sua terra e de seus parentes alicerçados na realização de uma promessa a São João. Uma brincadeira de família que sustentava a tradição. Nos dias atuais, é uma herança cultural familiar cultivada pela relação de amor e obrigação da própria tradição.

Os grupos e companhias para folclóricos viventes no Estado do Maranhão, que se apresentam respectivamente com os demais grupos estimados tradicionais no período junino, não alteram ou adulteram a tradição: apenas devem ser percebidos como mais uma alternativa para o povo, pois há espaço para todos.

No Maranhão o Bumba-meu-boi está penetrado na alma do povo. O sotaque de Zabumba, mais tradicional de todos, luta bravamente apesar do modismo, das brincadeiras alternativas, da discriminação e do preconceito.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, L. S. F. **O “urrou” do boi em Atenas**: instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. Campinas, Tese de Doutorado em Ciências Sociais, 2004.

ALMEIDA, Alauriano Campos. Depoimento In Memórias de Velhos. **Depoimentos**: uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. FUNDAÇÃO CULTURAL. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, São Luís: Lithograf, 1999. v. 5.

ANDRADE, Mário de. **Danças Dramáticas do Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaí, 1982. T. 1.

ARAÚJO, Maria do Socorro. **Tu contas! Eu conto!**: caracterização do significado do Bumba-Meu-Boi para a população do bairro da Madre Deus como expressão da cultura popular e ao mesmo tempo como lazer em São Luís do Maranhão. São Luís: Sioge, 1996.

AZEVEDO NETO. **Bumba-meu-boi no Maranhão**. São Luís: Alcântara, 1983.

BRANDÃO, Luiza Sopa Rocha. **Processos criativos técnicas e linguagens utilizadas na produção artesanal da manifestação cultural do Bumba-meu-boi no Maranhão**. Dissertação Mestrado-área de concentração: design e arquitetura FAUUSP, 2016. p. 251

BRITO, Fabia Holanda de. **Do Maranhão para o mundo o Bumba-Meu-Boi de orquestra**: tradição, cultura popular e turismo no brincar do Brilho da Ilha. 2016. 183 f.

CARVALHO, Maria Pinho Michol. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba-meu-boi do Maranhão. Um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. São Luís: [s.n.], 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

COMPLEXO CULTURAL DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO. **Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Luís: Iphan/MA, 2011.

CORRÊA, Norton Figueiredo. **Bumba-meu-boi do Maranhão**: um desafio ao olhar. Trabalho apresentado na Reunião Brasileira de Antropologia. Belém-PA. 2010.

IPHAM. **Bumba meu boi do Maranhão é Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. 2019.** Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5499/complexo-cultural-do-bumba-meu-boi-do-maranhao-agora-e-patrimonio-cultural-imaterial-da-humanidade/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

LIMA, Carlos de. **Bumba-meu-boi**. São Luís: Augusta, 1982.

LIMA, Carlos de. Bumba-meu-boi do Maranhão. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**. São Luís, n. 3, p. 5, ago., 1995.

LIMA, Carlos Orlando. **Boletim nº 25 da comissão maranhense de Folclore**, 2003. MARQUES, Francisca Ester de Sá. **Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do Bumba-Meu-Boi**. São Luís: imprensa Universitária UFMA 1999.

RIBEIRO, Tania Cristina Costa; SANTOS NETO, Joaquim Antônio dos; FREITAS, Maria Raimunda Fonseca. **Bumba- meu- boi: som e movimento**. São Luís: Iphan/MA, 2011.

SOBRINHO, Pedro. 2019. Disponível em:

<http://Pedrosobrinhonews.Com.Br/2019/04/23/Disco-Do-Boi-Da-Liberdade-Sera-Lancado-Dia-4-De-Maio-Em-Sao-Luis/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

PADILHA, A. F. S. **A Construção Ilusória da Realidade, a Ressignificação e Recontextualização do Bumba meu Boi do Maranhão a partir da Música**. Tese Doutorado em Etnomusicologia, Universidade de Aveiro, Aveiro-Portugal, 2014.

PADILHA, A.F.S. **Bumba-meu-boi e assimetria no Maranhão**. DOSSIÊ: Perspectiva Antropológicas e Sociológicas. v. 13, n. 25, 2016.

PASSOS, Iran de Jesus Rodrigues dos. **A transição da cultura popular para cultura de massa no Maranhão: aspectos do Bumba-meu-boi Pirlampo**. São Luís: UEMA. 2003, 170 p.

RIOS, Luiz. **Geografia do Maranhão**. São Luís: Central dos Livros, 2005.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **Folguedos e danças juninas do Maranhão**. São Luís: Gráfica Universitária/UFMA, 2008.

SILVEIRA, Marla de Ribamar Silva. **Nas entranhas do Bumba Meu Boi: Políticas e Estratégias para Botar o Boi de Leonardo na Rua**. São Luís. Dissertação apresentada do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Cultura e Sociedade, na Universidade Federal do Maranhão. 2014.

VIANA, Raimundo Nonato Assunção. **O Bumba meu boi como fenômeno estético: corpo, estética, educação**. São Luís: Edufma, 2013.

APÊNDICE A

**ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM INTEGRANTES DO BOI
BUMBA-MEU-BOI DE ZABUMBA DE MESTRE LEONARDO**

1) Há quantos anos você é brincante no Bumba-meu-boi?

2) Qual seu personagem no boi?

3) Na sua família há brincante do boi? Se sim, quais pessoas?

4) Como você começou a participar do boi? E já faz quantos anos?

5) Na sua opinião, qual a importância do boi para a comunidade e seus brincantes?

ANEXO A - GLOSSÁRIO DO BUMBA-MEU-BOI

Amo- O Chefe do conjunto. O principal cantador. Na representação e o proprietário da fazenda. Geralmente é vivido pelo dono da brincadeira.

Apreparo-Enfeite. Comprar; comprar enfeite.

Baiado- coreografia dos brincantes e do boi.

Baixada- Um dos principais estilos regionais de Bumba-meu-boi; designação relativa aos bois procedentes da Baixada maranhense.

Barra- Saiote que, preso às bordas da armação do boi, cai quase até o chão, cobrindo as pernas do miolo.

Barracão- Grande salão onde o boi ensaia.

Batalhão- O mesmo que trupeada.

Batismo- Festa que ocorre a 23 de junho. Oferecimento do boi a São João. Orações e cantos em louvor a São João. Há no batismo uma certa influência de tambor de Mina, verificada pelo ritmo e pelo uso de defumadores.

Batuque- O som do Bumba-meu-boi; ritmo e melodia

Boi- Armação, à imagem de um boi, feita de jeniparana, canela de veado ou paparaúba e buriti, recoberta de veludo preto bordado de canutilhos, miçangas, paetês, pedras etc. Arremedo romântico de um novilho. Figura central da representação. O mesmo que Galheiro.

Boi- O conjunto, a brincadeira, a festa em si.

Boeiro- Todo aquele que brinca boi.

Botar- Organizar, patrocinar. Boto um; organizo um boi; patrocino um boi.

Branco- O dono da casa onde o boi se apresenta.

Brincadeira- A festa. O conjunto. Qualquer apresentação do conjunto.

Brincante- Todo qualquer participante do conjunto.

Brincar- Dançar. Participar do boi.

Burrinha- Pequena armação de buriti e cipó, coberta de chita, imitando grotescamente um burro. Uma cavidade no dorso, onde seria o lugar da cela, permite ao brincante entrar na armação, a qual se apoia em seus ombros através de suspensórios de corda. Figura de rica coreografia e acentuada comicidade. Cerca o boi quando este se enraivece e investe contar os assistentes a fim de manter o círculo de apresentação aberto. Comum a todo Nordeste.

Caboco de Fita- Caboclo-de-fita. O mesmo que rajado.

Camisão- Grande camisa vestida, antigamente, pelos rajados dos bois de Guimarães. Introduziam apenas as pontas dela no cós da calça e o saco, formado pela sobra, caía como um saiote sobre a calça.

Cangalha- A parte da madeira do boi. A armação.

Cantador- O autor das toadas. O solista. O amo.

Capim- O pagamento pela apresentação. O mesmo que agrado. A palavra vem sendo substituída por cachê.

Catirina- Mulher de chico. Usa máscara, na maioria das vezes, de pano representado, originalmente, por travesti.

Cazumbá- Personagem cuja função era distrair os assistentes antes do auto. Vasta bata pintada de cores berrantes, com grande peneiro sob essa bata aumentando do lombo os quadris e dando movimentos grotescos. Com o passar dos anos a figura foi se confundindo com Chico, até desaparecer. Ressurgiu recentemente com algumas variações.

Chapéu de Fita- Chapéu usado pelos rajados.

Cheguei- Toada cantada antes da licença. Oficialização da chegada do conjunto ao local da apresentação.

Contrário- Adversário direto num desafio. Por extensão: qualquer brincante de outro boi.

Cordão- Todos os participantes, excetuando as personagens centrais.

Couro- Peça de veludos bordado com canutilhos, miçangas, paetês etc. que cobre a armação do boi.

Cravelha- Nos tambores de fogo: torniquete de madeira que fixa o couro a armação.

Curador- Pajé. Era chamado para curar o boi, substituído, posteriormente, pelo doutor.

Descanso- Forquilha onde são apoiados os tambores de fogo e as zabumbas durante a apresentação.

Despedida- Última toada cantada no local onde aconteceu uma apresentação. Necessariamente fala adeus e de saudade.

Doutor- Veterinário que salva o boi quando este é recuperado doente.

Forquilha- O mesmo que descanso

Guarnecer- Reunir, preparar, arrumar o conjunto.

Guimarães- O mesmo que boi de Zabumba.

Ladainha- Conjunto de orações e cantos em louvor a São João, que acontece no batismo e na morte do boi.

Lá vai- Toada anterior à licença e posterior ao Guarnecer avisando ao dono da casa onde o boi brincará, da sua chegada.

Liberdade- (Boi da) Boi de Leonardo. Um dos mais famosos bois radicados em São Luís. Estilo de Guimaães.

Matança- A representação do auto.

Miolo- Homem que brinca sob a armação do boi.

Mourão- Tronco de madeira enfiado no centro do terreiro. Todo revestido de pastilhas, rebuçados, bombons etc., é utilizado para amarrar o boi no dia da morte.

Mutuca- Mulheres que acompanham o boi. Guardão as bebidas, os couros, ajeitam as roupas etc.

Pai Francisco- Personagem gaiato, autor do furto do boi. Marido de catirina. Usa máscara de pano ou couro e terno velho, geralmente preto.

Pandeirinho- pequeno pandeiro feito de madeira de jenipapo e coberto de couro de cotia.

Polainas- Polainas comuns, brancas, usadas pelos rajados do boi de Zabumba.

Rajado- Vaqueiro, caboclo de fita. Sua característica é o chapéu de fitas. Nos bois de Guimarães são chapéus em forma de cogumelo, de grande diâmetro, pequenina pala vertical, ricamente bordada de canutilhos, miçangas etc.

Retirada- Toada cantada após a despedida. É aquela ao som da qual o conjunto se retira.

Reunida- O mesmo que guarnecer.

Sotaque- Ritmo. Estilo de bumba meu boi maranhense.

Tambor de Fogo- Forma rudimentaríssima de tambor. Feito de tronco de árvore (mangue branco ou siriba); cavado a fogo, recoberto de couro cru de boi, preso por torniquetes de madeira. Usado pelos bois de Guimarães. Pura influência negra.

Tamborinho- Pequeno tambor feito de madeira de jenipapo e coberto, geralmente, por couro de cutia. Batido com as pontas dos dedos. Diâmetro pouco menor o dos pandeirinhos, e de caixa mais alta.

Tambor-onça- Forma rudimentar de cuíca. Som onomatopaico de urro do boi. É básico dentro do ritmo.

Terreiro- Local onde o boi brinca.

Toada- O canto. A cantiga

Tocadores- Instrumentistas.

Tropeada- O total de participantes de um conjunto.

Urro- longo puxar de tambor onça. Indica a recuperação do boi. Início do clima da festa e alegria.

Urrou- Toada no instante do urro, avisando a todos que o boi se recuperou.

Vaqueiro- O mesmo que rajado.

Zabumba- Denominação chula dada ao bumbo. Tambor que empresta seu nome aos bois que o utilizam.

Zabumbeiro- Tocador de zabumba.